

Efeitos colonizadores na política e no presente: Deus está no controle e nas artes de governar?

Colonizing effects in politics and the present: God is in control and in the arts of governing?

Alexsandro Rodrigues¹

Steferson Zanoni Roseiro²

Matheus Magno dos Santos Fim³

RESUMO

O homem moderno, como animal confessor, faz-se, ainda hoje, modelo regrado nas relações com as sexualidades. Michel Foucault aponta para a existência de um poder pastoral direcionador da alma e do indivíduo que, na contemporaneidade, é multiplicado e distribuído na sociedade e no Estado. Assim, objetivando discutir os discursos cristãos marcados pela regra da inclusão atuantes na produção do corpo e da sexualidade “ex-gay”, esse artigo se propõe articular as discussões foucaultianas sobre modos de vida e as possibilidades de um existir “bicha”. Metodologicamente, trata-se de uma abordagem mista entre a genealogia em Foucault e a aposta nas lutas cotidianas em Certeau. E, entre essas duas abordagens, emerge a própria bicha em meio aos “ex-gays” e, então, as vidas conversam.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor adjunto do Departamento de Teorias de Ensino e Práticas Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. E-mail: xela_alex@bol.com.br

² Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo e professor do Centro de Educação Infantil Criarte do Centro de Educação/UFES. E-mail: dinno_sauro@hotmail.com

³ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: magno_fim@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Cristianismo; “Ex-gay”; vida bicha.

ABSTRACT

The modern man, as a confessor animal, is, yet today, regimented model in the relation with sexualities. Michel Foucault points to the existence of a pastoral power that directs the soul and the individual that, in contemporaneity, is multiplied and distributed to the society and to the State. Therefore, aiming to discuss Christian discourses marked by the rule of inclusion active on the production of the body and on the sexuality known as “ex-gay”, this essay proposes to articulate Foucaultian discussions about the ways of life and the possibilities of an “fag” existence. Methodologically, it is a mixed approach between genealogy on Foucault and betting on everyday struggle on Certeau. And among these approaches, emerges the fag itself along the “ex-gays” and, then, their lives start talking.

KEYWORDS

Christianity; “Ex-gay”; fag life.

1. O que quer um corpo “ex-gay”?

O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de chegar a uma vida criadora. (...) Não temos de descobrir que somos homossexuais. (...) Devemos antes criar um modo de vida gay. Um tornar-se gay⁴.

Neste trabalho temos por objetivo compreender, e também problematizar, os discursos de verdade reificados por práticas do poder pastoral e da política cristã em curso. Discursos, esses, que tomam por referência os textos bíblicos como lei e os utilizam como forma de disciplinarização, inclusão e exclusão de todos aqueles que não se aliam e que não

⁴ FOUCAULT, Michel. *Ditos e escrito, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a, p. 215.

reiteram os discursos e práticas de verdade em estilo pastoral; discursos que contribuem para o fenômeno de produção de identidades que publicamente se declaram como “ex-gays”.

Perseguindo este objetivo, seus desdobramentos pesquisantes que nos ajudam a melhor compreender o fenômeno “ex-gays” e o que temos feitos de nós nas políticas identitárias, empenhamo-nos nas pesquisas com os cotidianos⁵. Com os cotidianos, lançamo-nos às cartografias e às genealogias do presente a partir de diferentes fontes e sujeitos, entrecruzando saberes e interpretações na produção de conhecimentos e dos sujeitos com estes conhecimentos.

Na dobra entre os cotidianos e a genealogia, não apenas os saberes são convocados a questionar as estruturas e os ditames da verdade universal, mas também os sujeitos desses saberes envolvidos nos processos de sujeição e subjetivação. É preciso que nos coloquemos não apenas a falar de um lugar de produção de saber, mas que nos coloquemos junto a esse lugar para contar essas histórias: as histórias das “ex-gays”, das violências, das metamorfoses da carne, dos rebanhos do pastor, da carne esterilizada. Entre a genealogia de Foucault⁶ e os saberes do homem ordinário de Certeau⁷, há todo um corpo a indagar: *o que temos feito de nós?*

Partimos da hipótese que essas subjetividades “ex-gays” se constituíam entre jogos de inclusão, exclusão e abstinência; e, no jogo da pesquisa, parte de nossa hipótese foi confirmada; parte outra, todavia, fragiliza-se na complexidade dos sujeitos que nunca são o que pensamos que eles sejam. Eis, portanto, a necessidade de trazemos, aqui, o recorte de duas conversas com corpos transeuntes entre sexualidades e seus modos de se relacionar com a própria carne e, ao mesmo tempo, indagar sobre essa carne produzida na e pela assepsia cristã. Daí, por fim, a interlocução com a própria vida a ser rejeitada: como a vida bicha se posiciona diante da vida “ex-gay”?

De posse destas orientações metodológicas, fizemos mergulhos no tema em tela com algumas âncoras em campos grávidos de potência e

⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

⁶ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁷ CERTEAU, 1994.

possibilidades. Assim, apresentaremos este trabalho em atos que poderão nos apresentar a complexidade da realidade do fenômeno “ex-gay” e suas conexões com o poder pastoral.

2. Poder Pastoral entre jogos de inclusão e exclusão: ovelhas, rebanhos e territórios em disputas políticas

Compreendemos por poder pastoral e estilo pastoral – aos modos de Foucault⁸ – os modos de existir e de valorar uma vida agenciada e afetada por discursos, práticas, modos de educação, de condutas e de comportamentos que performam normas aceitas e desejadas por uma perspectiva religiosa afirmadora de identidades (o que sou) e desqualificadora de outras (o que eu não sou). Buscamos reforçar que alianças políticas em estilo religioso acontecem incessantemente e que os fundamentos que engendram a produção de um modelo de vida ideal nessas alianças não atingem somente a vida de ovelhas e rebanhos em estilo pastoral, mas também toda população dispersa, incluindo os LGBTTTI⁹.

Os efeitos dessas alianças podem ser sentidos em realidades diversas, apresentando-nos como desejo, viver os jogos de sedução das práticas fundamentalistas e fascistas que perspectivam inclusão e exclusão. Logo, toda a população pode ser afetada na produção de desejos de inclusão. Nesses afetamentos, a promessa do reconhecimento de uma cidadania, tutelada e higienizada com as regras de incluir para excluir, pode ser negociada nos limites dos desejos de ser reconhecido e aceito como “um de nós”, “um dos nossos”. Afinal, como Tatiana Rech destaca,

[...] a inclusão passa a ser pensada por meio de um dispositivo de segurança e a sedução como uma estratégia potente que [...] contribui

⁸ O conceito de governamentalização discutidos por Foucault, ao longo de seus últimos anos, implicam na discussão sobre o poder pastoral, na disciplinarização e na conduta dos outros. São conceitos muito interligados e que se fazem mais evidentes na leitura de seus cursos, como em “*O governo de si e dos outros*” e em “*Em defesa da sociedade*”.

⁹ Nos limites de significados e representações, compreendemos por LGBTTTI, modos de subjetividades sexuais que se identificam como: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais.

para que a inclusão opere fortemente como um imperativo. Tal imperativo visa atingir a conduta de cada indivíduo, de modo que cada um deseje estar em constante fluxo e sair de determinadas posições.¹⁰

Assim, sujeitos de sexualidades dissidentes podem, por muitas razões, inclusive via desejo, ser arrebanhado pelas políticas dos rebanhos em estilo religioso.

Entre os jogos de reconhecimento, pertencimento e inclusão em nome de “Deus” e de outros marcadores sociais, culturais e econômicos, surge o ideal dos corpos e todo o trabalho de limpeza e estilização do mesmo. Nesse jogo de incluir para excluir, como nos ensina Alfredo Veiga Neto¹¹, encontraremos pessoas que se autodeclaram “ex-gays” vivendo as políticas de inclusão na e pela lógica da ovelha, do rebanho, do território e da identidade redimida e ressignificada.

Percorrendo alguns caminhos para pensar a construção do sujeito sexualizado, generificado, normatizado e moralizado da modernidade, Foucault¹² apresenta-nos o poder pastoral como tecnologia que fortalecerá as estratégias do Estado no governo e na condução do indivíduo e da população. É preciso direcionar e praticar exercícios de vigilância de nossos corpos e desejos! Por isso, a confissão, desenvolvida e aplicada pelo poder pastoral em espaços religiosos, será uma tecnologia deslocada e ampliada pelo Estado e suas instituições disciplinadoras. Confessa-se e, entretanto, não se o faz apenas ao padre, ao pastor, mas, antes, multiplicam-se os “padres”, “pastores”, “psicanalistas”, “professores” etc., fazendo, assim, com que a confissão torne-se condição de existência do Estado, da modernidade, do humano.

A salvação, tarefa de si, acontecerá na capacidade de abstinência e na de redirecionamento do comportamento e do pensamento divergente.

¹⁰ RECH, Tatiana Luiza. A inclusão educacional como estratégia biopolítica. FABRIS, Elí T. Henn; KLEIN, Rejane Ramos. (Orgs.). *Inclusão e biopolítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 33.

¹¹ VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

¹² FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Gulhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

A confissão, tecnologia do poder pastoral, colocará em funcionamento uma maquinaria de poder, que em nome de “Deus”, buscará capturar e ortopedizar aquilo que nos parece mais íntimo e revelador do que supomos ser, desejamos ser e podemos ser¹³. Assumimos um compromisso com a verdade quando desejamos e somos capturados pelas práticas pastorais que tomam a confissão como dispositivo de acesso à verdade de si, do pastor e de suas relações e crenças com o campo do sagrado.

Realçamos na companhia de Foucault que “o homem, no ocidente tornou-se um animal confidente”¹⁴. E a confissão não é um privilégio específico dos sujeitos envolvidos com as práticas religiosas: seus modos de funcionamento se espraiam de forma articulada como estratégia política em diferentes áreas de conhecimento, atuação profissional e instituições. O professor, o psicólogo, o advogado, o assistente social, a polícia, o juiz, o médico, a família – e tantos outros envolvidos com modos de falar, narrar, escutar, escrever, avaliar, julgar, de “amolarem facas”¹⁵ – fazem parte da rede de práticas de confissão, de tecnologias do eu e de modos de governamentalização.

Estas instituições e seus jogos de verdades oferecem dispositivos políticos e modos de pensar/desejar o governo da população e do sujeito que importa. No entrecruzamento de relações de forças, dispositivos dispersos, fios pedagógicos, endereçados e produtivos das artes de governar em seu desejo obsessivo por um ideal de humano e uma humanidade reconhecida, algumas identidades estão em situação de privilégio. Como sabemos com Butler¹⁶, o ideal de humano e humanidade catalogados nos esquemas da diversidade e do reconhecimento, estão rascunhados com as tintas sangrentas da matriz normativa que toma o homem branco, heterossexual, masculino e cristão por referência. Na manutenção desta referência, a figura do pastor é de extrema importância e esta se reinventa nas (des)continuidades das práticas de confissão. Em seu exercício pedagógico, o pastor – transformado em diferentes agentes institucionais

¹³ FOUCAULT, 2014b.

¹⁴ FOUCAULT, 2014b, p. 80.

¹⁵ BAPTISTA, Luis Antônio S. A atriz, o Padre e a Psicanalista – Os amoladores de facas. Anuário do Lasp, Niterói, n. 3/4, 1997, p. 103-109.

¹⁶ BUTLER, Judith. *Quadros de guerras: quando a vida é possível de luto?* Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2015.

– continua na condição de responsável pelos ensinamentos dos mistérios das Escrituras, de uma moral identitária cristã e dos mandamentos sagrados. E, para manter este jogo do poder pastoral e/ou nele entrar para jogar, a regra número um é ter, acreditar e querer “Deus” como princípio de todas as coisas.

Ainda que o pastor e sua ação sobre ações possam vir a desaparecer de nosso campo de visão como presença e força do controle de seu rebanho, não podemos dizer que a tríade (pastor-ovelha-rebanho) não reapareça e se atualize em outras instituições pastorais. A máxima da salvação do indivíduo se multiplicou a ponto de ser aceita em quase todas as lógicas discursivas: o corpo precisa ser purificado tanto por práticas vis quanto pela regra da criação¹⁷. Se instituições não são somente os prédios governamentais e suas burocracias, mas também “todo comportamento mais ou menos obrigado, aprendido. Tudo o que em uma sociedade, funciona como sistema de obrigação”¹⁸, decerto, os ensinamentos do pastor e o poder pastoral estarão lá, incrustados em nossas instituições, nos acoçando, nos rondando, buscando a todos incluir¹⁹ e, nessa inclusão (tarefa perseguida via convencimento) encontraremos também como alvo a população que se afirma em uma identidade não heterossexual e os dissidentes religiosos como alvo de conversão e correção.

É na carne e no corpo que se corta e se recorta o desejo de normalização e normatização. E é pela carne e no corpo, higienizados, moralizados e normatizados que o jogo da correção/inclusão/salvação se estabelece e acontece.

O princípio é a ovelha convertida, seu meio é o rebanho e seu fim, é a existência de um território higienicamente idealizado. Cumprindo este dever de existir, a família heterocentrada²⁰ será a máquina perfeita que

¹⁷ AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

¹⁸ FOUCAULT, 2014a, p. 48.

¹⁹ RECH, 2013.

²⁰ MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica, 2012. Falta a página De acordo com Miskolci, vivemos as lógicas da heterossexualidade compulsória, isto é, parte-se sempre do princípio que toda e qualquer forma de vida é, “naturalmente”, heterossexual. Assim, aliado ao conceito de heteronormatividade e heterossexismo em que todas as forças tendem a nos regular, podar e cortar a partir dos limites heterossexuais, denominamos heterocentrismo

alimentará esta lenda e a perpetuação das histórias do poder pastoral. Na novidade do cristianismo como doutrina pedagógica de inclusão a ser perseguida como estratégia política de governo do vivo e da população, esforços, os mais diversos não cessam e muitos são os atores envolvidos e convocados²¹.

Assim, vemos desenvolver estratégias de sedução e contratos de pertencimentos identitários entre ovelhas, pastores, “Deus” e a população pensada como plano perfeito de existência.

3. Pedagogia da sexualidade em práticas e políticas pastoral: maquinaria da salvação como promessa e distinção

No contexto da “salvação”, exige-se, sempre, a renúncia de si. Seremos dignos à vida eterna e à cidadania terrena como recompensa na medida em que formos capazes de exercitar a renúncia do mundo dos vivos, o mundo da carne, dos pecados e dos homens infames. O corpo, sempre cultuado – corpo sadio para uma alma sadia – é demandado todo um ritual de purificação, seja ele “voluntário”, sugerido²² ou forçado²³; no limite, é preciso que esteja de acordo com as regras ambíguas entre Estado e Religião!²⁴ Esta forma de renúncia de si e do mundo produzirá uma identidade/moral cristã e se prolongará em exercícios doutrinários e dogmáticos, onde Estado e a Religião confundem-se suas ações e passam a disputar de forma neocolonizadora as identidades, os rebanhos e os territórios.

justamente a atuação conjunta de todas essas forças: a “naturalidade” compulsória heterossexual que é reforçada a tal ponto que todo e qualquer modo de sexualidade parte sempre da heterossexualidade como princípio.

²¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014c.

²² Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/08/profissional-gay-forcado-a-buscar-cura-evangelica-recebera-indenizacao.html>>. Acesso: 13 de dezembro de 2016.

²³ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/09/ritual-de-purificacao-de-gays-queima-jovem-vivo-em-mg.html>>. Acesso: 13 de dezembro de 2016.

²⁴ Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/07/deputada-evangelica-quer-punir-professor-que-debateu-homofobia-na-aula.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2016.

O pensamento colonizador inclusivo das sociedades ocidentais cristãs se enreda nas tramas biopolíticas no contemporâneo, conduzindo e também seduzindo interesses políticos e partidários. Falamos de políticas, políticos e partidos que, unindo forças endereçadas e interesses no campo da inclusão, miram as ovelhas como alvo de cuidado, os rebanhos e os territórios nas capilaridades de um tipo de poder específico, ou seja, do tipo pastoral.

A grande questão: as políticas de inclusão não se satisfazem apenas com as ovelhas. No contemporâneo, não basta atenção na ovelha e no rebanho! Para as subjetividades contemporâneas, o pastor não é o suficiente! O panóptico, arquitetura de visão, de fazer ver – muito bem trabalhada por Foucault²⁵ – funde microfisicamente os grandes olhos de “Deus”, do pastor, do indivíduo em estilo pastoral e da população. Estes olhos, juntos e arregalados, para os desviantes e para os desvios, operam afirmando uma vida que importa, classificando os de dentro e os de fora, nomeando os puros e impuros, hierarquizando normais e anormais.

Nos últimos anos, temos visto acirrar práticas sexistas e fundamentalistas na arena política onde, com base em uma moral cristã excludente, normativa e em nome de “Deus”, reaparecem semideuses em cenas públicas contribuindo para o estado de barbárie dirigido contra a população LGBTTI e os impuros. Toda a emergência do Projeto de Decreto Legislativo conhecido como PDC 234/2011²⁶ encabeça essa discussão: a necessidade, no campo legislativo, de suspender a não-patologização das sexualidades não-heterocentradas. Ainda que arquivado, o mero intuito de revisar e retomar às patologias das sexualidades indica, no mínimo, um desejo controlador nocivo aos modos de vida. No cenário da macropolítica e em nossos cotidianos mais íntimos, temos vivenciado inúmeras demonstrações de descaso de nossos governantes com as vidas que valem menos e/ou não cabem numa medida idealizada para pensar o sujeito em sua singularidade. Essas vidas, que para alguns não são dignas de luto²⁷, são apaziguadas e desfiguradas no

²⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014c.

²⁶ Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=505415>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2016.

²⁷ BUTLER, 2015.

conforto multicultural do que se passou a ser reconhecido na categoria “diversidade”.

Nas políticas da e para a diversidade, muitas vezes os discursos pró-tolerância tornam-se o objetivo a ser perseguido. O outro, o estranho, o menos humano, sujeito de correção dos poderes das pastorais cristãs, passam e só podem existir à partir da benevolência dos tolerantes, dos puros em Cristo. Quando não trabalhamos as razões de produção de desigualdade de forma combativa e engajada, contribuimos com o funcionamento da maquinaria política/religiosa que, em nome de uma identidade/verdade/crença, coloca vidas em risco e em condições de existências precárias²⁸.

Os nossos silêncios, conformismos e as nossas incapacidades de movimento, implicação e contestação com a precariedade de uma vida podem justificar e também contribuir para a eliminação, ainda que pela via da conversão dos impuros/ imorais/estranhos/sujos. Estas práticas e discursos, por saber de sua fragilidade, reinventam-se cotidianamente tomando por referência os currículos dos livros sagrados e da interpretação literal dos poderes pastorais sobre/com/das escrituras que funcionam como “leis”. Estas interpretações são, portanto, exercícios de poder e saber que convêm a uma configuração de uma identidade que almeja ser dominante, normativa e binária. Logo, ganhando a cena pública e arrebanhado ovelhas e rebanhos põem em funcionamento forças e guerras sangrentas sem limites, com o respaldo das leis. Foucault alerta-nos para o fato de que:

A lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores; a lei nasce das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas que têm sua data e seus heróis de horror; a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas; ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo.²⁹

E, como acreditamos que não existem discursos, sujeitos e leis neutras, precisamos, como forma de cuidado, atentar-nos e nos indignar com os descaminhos crescentes em que a nossa história fascista e fundamentalista tem nos conduzido ao produzir, de forma crescente, o extermínio

²⁸ BUTLER, 2015.

²⁹ FOUCAULT 2005, p. 58.

da população LGBTTTI. Temos leis reiterando os massacres dos corpos e, como lembra Foucault (2005), temos uma *estatização do biológico*, em que os impuros sexuais – ao perturbarem a ordem da heterossexualidade cristã e de sua pastoral – poderão ver seus corpos e vidas ceifados, excluídos e, no seu extremo, incluídos na e pela lógica do outro.

Ah, mas algo parece interromper esse fluxo de ceifa e de dor!

Algo não nos permite nos conformar com os efeitos de poder que impedem a expansão da vida com as sexualidades não favoráveis com moral cristã. A verdade é deste mundo – e não de uma transcendência acima do bem e do mal – e, por isso, buscamos colocar em suspensão o poder pastoral com a lógica do rebanho e da política cultural.

O corpos nos aparecem e lhes indagamos: que vida se deseja ao viver um corpo “ex-gay”?

4. Redes de amizade e, nelas, as narrativas como “ex-gays”

Há uma gigantesca política cristã produtora de vidas e subjetividades pautadas por um heterocentrismo desembestado. Em 2011, foi apresentado um Projeto de Decreto Legislativo – conhecido como PDC 234/2011 e assinado por João Campos – que visava, justamente, a ampliação dos poderes pastorais sobre as sexualidades e, imediatamente, as discussões ganham a cena pública via programas de televisão e plataformas políticas: a garantia de existência de uma vida que clama pelo direito de se identificar, autodeclarar e se desejar performativamente como de “ex-gays”.

Afetados por essa discussão, colocamo-nos justamente a indagar quais afetos são vivificados na produção desses corpos “ex-gays”. Assim, acreditando nas redes de amizade para chegarmos às pessoas autodeclaradas “ex-gays”, começamos as buscas via Facebook³⁰, fazendo aproximações com os processos de subjetivação na produção de uma vida vivida no formato possível e desejável.

³⁰ Uma das estratégias metodológicas escolhidas para a pesquisa foi a aproximação com a comunidade virtual Facebook. O primeiro movimento foi o de procurar os sujeitos da pesquisa com o qual nos propúnhamos pesquisar, salvando, assim, cada comentário e resposta dada às postagens feitas. Todas as falas foram, em conjunto, analisadas e levadas em consideração para a relevância da pesquisa.

Valendo-nos desta ferramenta como espaço de encontro, fizemos, nos dias 23 de setembro de 2015 e 11 de dezembro de 2015, uma postagem que dizia: “*Neste momento estamos desenvolvendo uma pesquisa para compreender o fenômeno de produção de identidades ‘ex-gays’. Gostaria muito de abrir conversas com pessoas que se autodeclararam ‘ex-gays’.*”. Ao criar essa brecha, esse espaço, colocávamos também já em contato com conhecidos transeuntes desses espaços de produção de subjetividades “ex-gays”. A partir de nossas redes de amizades, pudemos utilizar da ferramenta conversa como mais uma possibilidade para ampliar sentidos de compreensão do fenômeno “ex-gay”. Pusemo-nos em contato com quatro sujeitos e, desses, dois mostraram-se desinteressados na conversa, enquanto outros dois se colocaram em jogo conosco.

Assim, dos sujeitos agenciados para compor redes interessadas na temática em tela, pudemos contar com a colaboração de dois conversantes e, com eles, recolhemos fragmentos que nos permitiram continuar nossas indagações. De nosso primeiro interlocutor pudemos ouvir:

Eu não vou negar que eu sinto atração por pessoas do mesmo sexo...eu decidi não dar ouvidos, por questões religiosas, é claro, mas por questões gerais também. Eu me sinto melhor [...] prefiro não aceitar [...] Minha família já falou que aceitaria isso normalmente... eu perguntei, discretamente... e eles falaram, que aceitariam, porque eu sou um bom filho... eu não me tornaria uma má pessoa por isso. Mas o conflito é comigo mesmo. Acho que todo mundo tem um pouco de medo de ser perseguido... Eu não quero ser perseguido. Eu fiz a minha escolha. As duas passagens bíblicas que conheço que condenam diretamente a homossexualidade é a clássica, de Levítico, que diz que quem se deitar com outro homem como se deita com uma mulher tem que morrer, tem que derramar o próprio sangue sobre ele... E a outra passagem é em Romanos, quando Paulo fala que os homossexuais não têm a chave do céu, eles não vão para o céu. Então são condenações diferentes: uma manda condenar na terra, outra fala que a condenação vai vir do céu de qualquer forma. (*Acervo da pesquisa*)³¹

³¹ Acervo da pesquisa “*Rebanhos, territórios e identidades: quem mesmo paga a conta na disputa pela Carne entre “Deus” como identidade ou o demônio como diferença?*”, realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades com o apoio financeiro da Universidade Federal do Espírito Santo. As futuras citações nesse texto que

Com este conversante, entre a voz que fala a mim e o ouvido que escuta um outro fora de mim, o sujeito surge como responsável por seu desejo. Compete ao sujeito do desejo o exercício sobre si e sua vitória se dará na não aceitação e negação do desejo homossexual. Logo, não dar ouvidos é, também, uma forma de ser agenciado e interpelado. Não dar ouvido à voz que sussurra para este interlocutor, é um exercício de resistência. A voz que sussurra como desejo é perigosa e, dela, deve-se afastar, desviar, não ouvir e não aceitar. É preciso, como forma de cuidado e vigilância, não a ouvir. Não ouvir a voz que sussurra em seu ouvido é uma forma de proteção e de afirmação de um estilo de vida que se deseja heterossexual, de uma vida que importa. Para ele, a religião diz coisas sobre sua decisão, mas não é o único campo a disciplinar seu corpo, sexualidade e desejo. Juntamente com o lugar de fala do outro que sussurra, inclui-se a instituição familiar que engendra valores do que dever ser considerado um bom filho. Viver a subjetividade gay para os familiares deste jovem não o colocaria na condição de mau filho. A *afetação*, a bichice, poderia colocá-lo em risco de exclusão e a família, como nos fala Guacira Lopes Louro³², opera como uma das instâncias de ortopedia da sexualidade. Para este jovem subjetivado por valores religiosos e de uma família cristã, a discricção é o comportamento a ser perseguido, esperado e idealizado para uma conduta almejada como a ideal para o existir na identidade de um bom filho, ainda que sendo gay.

A discriminação e o medo de viver o preconceito estão presentes na fala deste jovem e funcionam como mais um fio de uma trama disciplinadora dos caminhos e trilhos que não devem ser percorridos. Estão ali, também, os textos bíblicos, as passagens de Levíticos e Romanos, onde o que é considerado desvio/aberração, está condenado à morte do corpo e ao inferno. “Deus” como identidade que se deseja e o diabo como diferença que se deve desviar e não escutar. Ambos barganham e disputam pela carne, sussurrando, de diferentes maneiras, formas de nos tornamos

estiverem seguidas de “Acervo da pesquisa” referir-se-ão a essa mesma pesquisa finalizada no ano de 2016.

³² LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogia da Sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.

ovelhas, parte de um rebanho que projeta uma vida confortável nas terras e territórios prometidos como recompensa.

Com o nosso segundo conversante o rumo da prosa nos aproxima de outros fios que compõem as tramas do poder pastoral e com ele pudemos saber de suas razões para viver sua vida, distante da identidade gay.

Vocês acreditam em regressão. Eu descobri no processo de regressão que eu fui violentado pelo meu pai e aí eu consegui entender a raiz de tudo isso. Eu buscava nesses relacionamentos homens que pudessem suprir a figura do meu pai. Em todos eles eu buscava comer meu pai. Eu nunca aceitei fazer o papel de passivo numa relação sexual e jamais me relacionei com afeminados. Com meu analista a conclusão que eu cheguei, é que as práticas sexuais eram vingança... eu estava numa relação muito conflituosa comigo e com o mundo... de questionar muito a questão do preconceito... eu dizia para mim mesmo: chega eu não aguento mais viver com esse preconceito. Para fora da família eu sempre me assumi como gay, para minha família nunca. Mesmo só querendo fazer o papel de ativo, eu sempre me assumi como gay. Assim, eu não saio levantando a bandeira sou um curado, pois nunca fui doente. Eu estou vivendo a minha vida. (*Acervo da pesquisa*).

O que parecia ser um problema para este interlocutor vai ser resolvido com a intervenção e a técnica da regressão conhecida e aplicada por alguns trabalhadores que se preocupam com a “origem” do que se apresenta como problema e encontra nos saberes da psicologia, seu território de desenvolvimento. Os saberes da psicanálise se distribuem como força da população e ganham outros usos em diferentes canais de comunicação que, de forma especulativa e sensacionalista, afirmam que a condição da identidade/subjetividade homossexual está enredada a histórias de abuso sexual na infância, a pedofilia e a família desestruturada. A raiz como causa e origem para muitos discursos normativos deslocam saberes e conhecimentos legitimados terapeuticamente na afirmação da identidade “ex-gay” como desejo de paz e harmonia do sujeito consigo mesmo. Não são poucas as histórias de pessoas do guarda-chuva LGBTTTI que foram, em nome da família e da religião, submetidos aos processos disciplinares das terapias, da medicina e da religião. Estas terapias, ainda

que proibidas pelo Conselho de Psicologia de acordo com os Artigos 3º e 4º da Resolução do Conselho Federal de Psicologia n. 1 de 1999, vem sendo maquiadas e se revestem com outras roupagens aos modos do curso de aconselhamento de “restauração sexual”³³.

No encontro com o terapeuta, este revela ao sujeito o segredo e a fonte da condição homossexual e, diante da história desvelada, esta condição/subjetividade vai ser explicada nas práticas sexuais abusivas e na busca incansável de outros homens como forma de vingança ao pai abusador. Como nos fala o narrador dessa história, as práticas homossexuais só aconteciam no encontro de outros homens gays, que não traziam, em si, as marcas do feminino e da feminilidade. A vingança acontece e se resolve temporariamente através do falo, virilidade e penetração. É pela penetração abusiva em outros corpos-homens – “[...] é que as práticas sexuais eram vingança” – que o remédio como alívio acontece. É a partir e com a descoberta da origem do sofrimento psíquico (abuso infantil), que se encontra a justificativa aceitável para a busca incansável de um verdadeiro eu heterossexual.

Nas tramas dessa vida abusada, dessa vida vingativa, ou da vida idealizada mediante uma chave – as chaves do paraíso! –, as práticas homossexuais e o reconhecimento de uma identidade homossexual passam a ser negociadas na fronteira de quem entra e sai do armário mediante a situacionalidade que tem por origem a infância. Entre a família e a rua, híbridos identitários negociam posição e afastamento. A entrada e saída do armário é algo que se quer abandonar. As portas do armário precisam ser escancaradas para a heterossexualidade, porém, a homossexualidade se fecha como desvio a partir da descoberta de sua causa. Causa e efeito e processos de conscientização funcionam na produção do alívio do sofrimento e do distanciamento de uma identidade que não é bem-vinda, porque se produz na dor do abuso infantil; porque se produz no ensejo do divino. Para o segundo corpo falante, a dor como origem de abuso infantil revelado nas práticas de regressão produz algo não desejado para

³³ A terminologia “Restauração sexual” foi apresentada pelo Ministério Luz na Noite e defende que “[...] escolhas individuais podem imprimir mudanças significativas e positivas”, apontando, assim, para a afirmação da identidade sexual heterocentrada. Disponível em: <<http://www.luznanoite.com.br/cursos.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2016.

esta vida; mas, no primeiro, vemos que não apenas dores produzem o corpo agenciado pelos discursos cristão esterilizantes. E desta forma, o ciclo da experiência homossexual – abusiva e violenta ou simplesmente “indesejável” – se fecha. Dela, apenas lembranças. Talvez, como o segundo corpo destaca, pouco importa o nome que se dê a esta forma de subjetividade por ele vivida e abandonada via regressão! Importa apenas viver uma vida e uma vida de afetos e práticas sexuais heterossexuais, longe do sofrimento que era viver a violência e os abusos nos encontros da homossexualidade. Importa apenas a seguridade e a confiança do sossego e da “sadia” heterossexualidade.

Os trânsitos identitários mostram-nos, não precisam ocorrer em nome de “Deus” ou pelo poder da religião. Talvez a bichice seja uma dor, um abismo produzido entre as falhas do corpo, do cuidado afetivo³⁴! Talvez os corpos precisem se livrar das formas de sofrimento e adoecimento, cortar pela raiz o abusivo poder do falo de um pai! E, para o corpo “ex-gay”, é o casamento da religião com os saberes das psicologias que vão dar conta de toda essa mudança, de todo esse trânsito no armário³⁵.

Ah, a vida viada existiria para ser tratada!

5. Entre fendas, luzes e sombras: rir, debochadamente, para colocarmo-nos com os outros que nos afetam

Façamos uma pausa e voltemos ao primeiro corpo-interlocutor com quem conversamos: *Ora, mas ser gay então é apenas dar o cu?*

E, imediatamente, o heterossexual por escolha gagueja.

³⁴ RODRIGUES, Alexsandro; FIM, Matheus Magno dos Santos; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Além do palco e dos holofotes: Édipo, a maior de todas as bichas. *Revista do Audiovisual Sala 206*, Vitória, n. 4, jul./dez., 2015. (páginas)

³⁵ FIM, Matheus Magno dos Santos; ROSEIRO, Steferson Zanoni; RODRIGUES, Alexsandro. Técnicas de confissão e de um fazer falar: lugar de poder e Édipo na produção de subjetividades “ex-gays”. 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero. In: *Anais do 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero*. Vitória, 2016. (páginas)

É a prática... mas que tipo de prática que faz a homossexualidade se tornar bicha?

Nossas postagens-convite voltam à cena e, agora, interessam-nos os corpos fugidios. Na pesquisa do entre, isto é, da vida “ex-gay”, acabamos por nos deparar com a potência da vida viada, da vida travestida. E, decerto, é o escárnio das travestis que nos chamam para esse cuidado que fazemos com nosso próprio corpo.

A postagem reaparece: *“Neste momento estamos desenvolvendo uma pesquisa para compreender o fenômeno de produção de identidades ex-gays. Gostaria muito de abrir conversas com pessoas que se autodeclararam ex-gays”*.

A postagem é feita em duas datas completamente diferentes, e, em ambas, os corpos pipocam, divas no salto!

“Ex hetero conheço um moooooooooonte”

“Já posso rir desses mentirosos?”

“Se achar alguém favor apresentar a sociedade”

“Essa sua pesquisa vai ser muito interessante no sentido de desmascarar essa falsidade ideológica denominada ex-gay. Nunca existiu essa coisa chamada ex-gay. O individuo é gay e ponto final”.

E logo se oferecem, danadas e debochadas, para performarem o corpo “ex-gay”.

Noutra postagem, replicamos a mesma chamada via Facebook e, desta vez, seis interlocutores entraram em cena.

No limite do corpo, a primeira estabelece a margem da própria pesquisa: *“[...] vivi muitos anos acreditando que poderia me libertar da homossexualidade através da religião evangélica e durante dois anos (mais ou menos) acreditei que havia me tornado ex-gay”*.

Outra pessoa, implicada com os saberes da psicologia provoca: *“Tentou Marisa Lobo? Sem ironia... mesmo parecendo, não é. Talvez ajude”*.

E, entretanto, não demora para que as viadas, implicadas com a vida bicha, reapareçam no misto do deboche e da criticidade.

“Eu sou ex-homem. Ai, com todo respeito aos outros, mais isso de ex-gay eu particularmente não acredito. A verdade é que muitos não aguentam a pressão e tentam se esconder atrás de uma bíblia...”

ou quando descobrem sorologia positiva... sei lá existe ex-travesti que voltou a ser gay. Isso sim... com todo respeito: uma vez gay, sempre gay”.

“Eu sou ex-gay, agora podem me chamar de bicha”

“Existe ex-heteros de montão por aí, o povo tá saindo do armário de montão”

“Conheci alguns que se tornaram evangélicos e mudaram, não sei se perseveram”.

Obviamente que, entre as chamadas, também nos deparamos com tentativas de apontar para o corpo “ex-gay” ensejado para a conversa. Dois nomes apareceram nos comentários e, imediatamente, afastaram-se do interesse da pesquisa.

As duas postagens geraram, ao todo, oitenta e sete curtidas e dois compartilhamentos. Logo, o número de pessoas que foram tocadas pela questão nos parece pouco expressivo, mas, nem por isso, menos importante. Parece que esta não é uma questão-problema para as pessoas, principalmente para os que se autodeclaram “ex-gays”. E porque deveria ser? Duas das pessoas indicadas não foram encontradas e, a que fez o depoimento de ter vivido dois anos de sua vida negando via processos religiosos sua identidade sexual, recusou estabelecer um encontro por compreender que a questão “ex-gay” não a movia e que não precisava conversar sobre isso. Essa não resposta e afastamento indicam não apenas uma não disponibilidade, mas, também, que nossos interesses de pesquisa, por mais elaborados que sejam, podem ser só nossos.

E é preciso que paremos para pensar: como uma pergunta pode afetar outros corpos?

E justamente por esse choque de realidade é que nos deparamos com a outra questão: mas, afinal, o que a vida “ex-gay” produz nas vidas viadas? Como esse corpo produzido na lógica da inclusão afeta as bichas errantes que se mantêm em jogos de exclusão e não-inclusão?

Uma única relida numa fala parece nos fazer sambar: *“Eu sou ex-gay, agora podem me chamar de bicha”.*

O deboche é, decerto, algo que nos chama atenção!

O deboche, o riso como componente da ironia e a autoironia, em tempos de guerras, de fundamentalismos e de fascismos, podem operacionalizar outros modos de pensar, falar, desejar e, também, deslocar

algumas formas cristalizadas de compreensão sobre os processos de subjetivação e das identidades e de nossos apegos por elas. Assim, Larrosa vai nos dizer que o

[...] o riso mostra a realidade a partir de outro ponto de vista. Essa seria a função de desmascaramento do convencionalismo existente em todas as relações humanas. O riso isola esse convencionalismo, desenha-o com apenas um traço e o coloca à distância. O riso questiona os hábitos e os lugares comuns da linguagem. E no limite, o riso transporta a suspeita de que toda linguagem direta é falsa, de que toda vestimenta, inclusive a pele, é máscara. [...] A autoironia é um movimento de revogação da identidade: a consciência que ri anula-se a si mesmo, se contradiz a si mesma, está sempre por cima de si mesma a fim de evitar sua fixação.³⁶

O riso, a ironia e a autoironia, destroem pela sua força ética, estética e política o estatuto de certeza que temos sobre identidades as mais diversas e nesse caso em específico as identidades sexuais. Têm, por função política, colocar em xeque a fixidez das identidades e todas as formas bem comportadas de se pensar e desejar a vida. Neles, nossas certezas identitárias são questionadas, deslocadas, problematizadas mostrando-nos as mazelas do que tanto amamos e apegamos. Podemos compreender que a identidade e a identidade sexual não passam de máscaras que nos apegamos pelo tempo que possa nos interessar. O riso, o deboche, a ironia e a autoironia podem, em tempos de tanto rancores e medo, ajudar a compreender o que temos feito de nós mesmos em nossa obsessão pela identidade. E, na busca da identidade, talvez a máscara da ironia debochosa seja, já, uma arma contra as táticas pastorais, contra as tecnologias de confissão. Talvez, por trás da máscara debochada, o confessor narre as histórias que lhe convém sem se importar com as veridades identitárias delas, sem se importar com os escrúpulos do sentido e da coesão. No riso, as máscaras, talvez, pintem outras vidas e outros jogos de sedução não-inclusivas.

Entre jogos, risos e ironia, máscaras, desejos identitários, um de nossos narradores via Facebook, em poucas linhas, narra sua necessidade de

³⁶ LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autentica 2004, p. 178-179.

deslocamento indentitário via relações com a religião; outra diz conhecer pessoas que, via religião, acessaram outros processos identitários, ainda que não pudesse afirmar se estas pessoas se mantinham na condição de “ex-gays”. Os dois blocos de conversantes e narradores do Facebook nos falam de deslocamentos, permanências e abandonos. Talvez seja este um dos maiores desafios dos estudos identitários, ou seja, a garantia de sua fixidez. Os sentidos religiosos não exercem sobre os processos de subjetivação e identidades o poder que supomos ter. A condição de ovelha, rebanho e território são sempre frágeis, por isso, alvo de atenção e cuidado.

E talvez as bichas clamem por purpurina e lantejoulas, por máscaras e armários.

Afinal, na garantia da inclusão está em jogo o armário!

O armário, enquanto conceito político funciona como um operador de visibilidade indentitária da e para a população LGBTTI. Sair do armário era e é um convite para que possamos existir junto aos privilégios da sexualidade dominante que, até então, gozava de todos os direitos possíveis. Durante algum tempo, no Brasil a partir dos anos 1980 e influenciados por movimentos sexuais internacionais, sair do armário significava um marco na luta por direito e por reconhecimento da população LGBTTI. Nesse período, fomos convocados a abrir as portas dos armários que fomos trancafiados pela polícia das condutas e do comportamento. Sair, quebrar as portas, sair para as ruas, praças e ocupar as instituições, foi uma das estratégias de enfrentamento de preconceitos, assim como uma possibilidade de passar a existir. Acreditávamos naquele momento que o dispositivo armário – lugar de entrada e saída de sujeitos posicionados – funciona na gestão das identidades e, conseqüentemente, com ele, negociamos posições de sujeitos, direitos e nisso inclui a invisibilidade.

Talvez aprendamos a dizer, com Butler, que quanto mais a vida se fizer precária, mais o armário será um convite. E, com Larrosa e Foucault, talvez pudéssemos aprender a dizer: mas nem sempre!

6. Entre a vida viada e a vida límpida artes de se afetar

A questão que talvez nos amarre, por fim, seja a de indagar por quais afetos temos nos deixado governar. Com quais afetos e afecções temos

nos permitido viver com o outro? Por quais afetos e afecções temos nos aproximado do outro com os quais vivemos?

É toda uma questão da política de amizade de Foucault³⁷, é toda uma questão de precariedade de Butler³⁸, mas, também e principalmente, é toda uma questão que nos indaga, sempre, a máxima indagação foucaultiana: “O que temos feito de nós?”

Partíamos, quando começávamos, da hipótese moralista e esterilizante do corpo da bicha na produção da vida “ex-gay”. E, em dadas medidas, essa hipótese muito facilmente poderia ser “confirmada”. Todavia, como aprendemos nos cotidianos, há sempre um “algo mais”, há sempre uma força infame na vida dos homens ordinários... porque a vida ordinária é cheia de força.

Assim, talvez, essa escrita seja uma questão de perguntar pelas forças que conseguimos agrupar em um corpo e indagar por elas. Quais as potencialidades de um corpo? O que pode um corpo? A quem pertence esse corpo?

E, como resposta, entraremos na espiral dos jogos religiosos cristãos, nas políticas sedutoras de inclusão, nas estratégias sem sujeito do mundo mercantilizado. Todavia, também podemos de algum modo, estabelecer laços afetivos capazes de criar rupturas às forças generalizantes; podemos nos deparar com máscaras sobre nossas faces e, ao invés de buscarmos retirá-las, poderíamos sobrepô-las com outras máscaras. Máscaras cobrindo os rostos-imutáveis e as identidades!

Talvez, no limite do corpo, a vida esterilizada aponte para aquilo que nos cobre e que, por vezes, tentamos retirar à força. Palavras, manchas, rasgos, fumaças e marcas de sexualidades, de vidas viadas e travestidas.

Decerto, esse texto é sobre a vida produzida no fenômeno “ex-gay”, e, todavia, no limiar, ele esteja mais presente na força dos afetos dos nossos encontros com nossos corpos. Afinal, o texto parece perguntar, em cada linha, o que temos nos permitido corpórea e afetivamente.

E, de algum modo, talvez nos encontremos, todos os dias, na tensão dos jogos entre a vida viada e a vida límpida do “ex-gay”. Porque

³⁷ FOUCAULT, 2014a.

³⁸ BUTLER, 2015.

precária, a vida só pode ser vivida com o outro. E, então, imediatamente poderíamos traduzir toda essa indagação à preocupação de com quem temos produzido modos de vida...

É. Talvez esse seja um ensaio – vida ensaiada, nunca terminada! – sobre as artes de se afetar... e sobre como nos afetam os corpos...

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerras: quando a vida é possível de luto?* Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2015.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FIM, Matheus Magno dos Santos; ROSEIRO, Steferson Zanoni; RODRIGUES, Alexsandro. Técnicas de confissão e de um fazer falar: lugar de poder e Édipo na produção de subjetividades “ex-gays”. 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero. In: *Anais do 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero*. Vitória, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escrito, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Gulhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014c.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.
- RECH, Tatiana Luiza. A inclusão educacional como estratégia biopolítica. FABRIS, Elí T. Henn; KLEIN, Rejane Ramos. (Orgs.). *Inclusão e biopolítica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- RODRIGUES, Alexsandro; FIM, Matheus Magno dos Santos; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Além do palco e dos holofotes: Édipo, a maior de todas as bichas. *Revista do Audiovisual Sala 206*, Vitória, n. 4, jul./dez., 2015.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Submetido em: 02/08/2016

Aceito em: 13/06/2017